



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE ESPECIALISTAS EM
DESENVOLVIMENTO EM ÁREAS AMAZÔNICAS
ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NA AMAZÔNIA

BYANKA DA SILVA ARRUDA

JORNALISMO CIENTÍFICO EM BELÉM DO PARÁ: DESAFIOS DOS
PROFISSIONAIS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Belém
2019

Byanka da Silva Arruda

**JORNALISMO CIENTÍFICO EM BELÉM DO PARÁ: DESAFIOS DOS
PROFISSIONAIS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação apresentado ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Comunicação Científica na Amazônia.

Orientadora: Prof. Ma. Tatiana Ferreira Reis

Belém
2019

Jornalismo Científico em Belém do Pará: desafios dos profissionais nos meios de comunicação

ARRUDA, Byanka¹
FERREIRA REIS, Tatiana²
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo

O objetivo deste artigo foi analisar a produção do jornalismo e da divulgação científica na Amazônia a partir da atuação dos jornalistas que trabalham em redações de jornais locais. Para isto, foi feito inicialmente um levantamento bibliográfico para compreender o tema estudado. Em seguida, foi feita observação em campo em dois jornais impressos de grande expressão na Amazônia e, finalmente, aplicação de questionários sobre o rotina dos comunicadores que trabalham ou já trabalharam em redações, com a finalidade de determinar as principais dificuldades, no entendimento dos jornalistas, durante a produção de conteúdo científico para os jornais. Foram feitas 51 entrevistas com 10 perguntas, cuja análise contribui para o debate sobre o enfrentamento das dificuldades encontradas pelos jornalistas, bem como para reforçar a importância da divulgação científica na Amazônia.

Palavras-chave: Jornalismo Científico; Amazônia; Jornalismo; Divulgação Científica.

Abstract

This research intends to analyze the production of journalism and the scientific dissemination in the Amazon from the work of the journalists who work in local newspaper essays. For this, a bibliographical survey was initially made to understand, in theory, the studied subject. Subsequently, field observation was carried out in two large print newspapers in Amazonia and, finally, questionnaires were applied on the routine of communicators who work or have already worked on essays, in order to determine the main obstacles, in the opinion of journalists, during the production of scientific content for the newspapers. Fifty-one interviews were conducted with 10 questions, whose analysis has resulted in significant issues that may contribute in the future to overcome the difficulties faced by journalists and to improve scientific dissemination in the Amazon.

Keywords: Scientific Journalism; Amazonia; Journalism; Scientific divulgation.

¹ Discente do XXVIII Fipam – Programa de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas – Comunicação Científica na Amazônia, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea), da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: byankarruda@gmail.com

² Orientador do trabalho. Professora mestre do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Científica na Amazônia do Naea e do Curso de Jornalismo da Faculdade de Estudos Avançados do Pará, e-mail: tatianajor@gmail.com

Lista de gráficos

Gráfico 1.....	Pag. 14
Gráfico 2.....	Pag. 15
Gráfico 3.....	Pag. 16
Gráfico 4.....	Pag. 17
Gráfico 5.....	Pag.17
Gráfico6.....	Pag. 18
Gráfico 7.....	Pag. 19
Gráfico 8.....	Pag.20
Gráfico 9.....	Pag.21

Lista de tabelas

Tabela 1.....	Pag. 22
----------------------	----------------

1. Introdução

Não são poucos os desafios e entraves enfrentados por jornalistas, sobretudo repórteres, produtores, editores, assessores de comunicação, que produzem Jornalismo Científico no Brasil, e particularmente na Amazônia. Falta de qualificação profissional adequada, excesso de pautas, ausência de editoria ou setorização específica destinada à Ciência e escassez de conhecimentos na área investigada, dificuldade de acesso a fontes são alguns dos problemas por quais passam os jornalistas que atuam em Belém, independente do meio ou veículo. Com pouca ou nenhuma intimidade com produção científica, jornalistas que constroem diariamente notícias diversas, de temas múltiplos e fugazes, vez por outra são lançados à cobertura de assuntos que envolvem conhecimento científico: eventos acadêmicos, descobertas recentes, ciência e tecnologia, inovações e retrocessos na área da saúde, meio ambiente etc. Mas, diante de uma rotina ágil das redações e assessorias de comunicação que não permite ou permite pouco aprofundamento e desdobramento da ciência enquanto meio de transformação social através da informação e do conhecimento, o papel de divulgador da ciência tem sido desempenhado de forma eficaz pelos jornalistas? Quais são as principais dificuldades apontadas pelos repórteres da mídia paraense para a prática do jornalismo científico no cotidiano? Essa última questão é o norte deste trabalho exploratório sobre a construção do Jornalismo Científico, que consideramos fundamental no contexto da Amazônia.

Posta a relevância histórica e amplamente conhecida da região para o Brasil e para o mundo nas diversas áreas do conhecimento, é urgente a necessidade de entender os empecilhos com os quais jornalistas se defrontam no decorrer da construção de reportagens que se proponham a divulgar a ciência e que consigam explicá-la de maneira competente, responsável e consciente de sua importância, de seus efeitos e reflexos sociais, coletiva e individualmente, no dia a dia da sociedade. Ao enumerar os pontos críticos narrados pelos jornalistas, que os impedem de se apropriar da ciência e de avançar como jornalistas especializados, ou familiarizados com os temas centrais ligados ao meio científico, é possível redesenhar novas formas de, futuramente, diminuir esses ruídos e expandir ou redescobrir modos de escrever sobre ciência com responsabilidade, discernimento e criticidade necessários.

Com a finalidade de conhecer conceitos primordiais acerca do Jornalismo Científico, um dos braços da divulgação científica, e sua dimensão e papel social, esta pesquisa tomou por base importantes autores brasileiros que se debruçam e dedicam anos de estudos ao tema. Inicialmente, consultou-se o trabalho *Jornalismo Científico: conceitos e funções* (1985), publicado na revista *Ciência e Cultura* pelo professor doutor e jornalista, Wilson da Costa Bueno, que conta com extensa trajetória especializada em Jornalismo Científico.

Também foi examinada atentamente a obra “Jornalismo Científico”, da pesquisadora Fabíola de Oliveira, de 2002, um livro-base para os primeiros contatos com o tema. Considerando a necessidade de discutir sobretudo o papel do jornalista como divulgador da Ciência por meio de uma perspectiva crítica, recorreu-se à pesquisadora Graça Caldas (2000), que discute o papel do jornalismo científico na construção da opinião pública.

Por fim, acrescentou ainda a contribuição dos pesquisadores Cristiane Porto e Wagner Ferreira, de 2009, que discorrem sobre a formação do jornalista de Ciência para basear esta pesquisa.

2. Metodologia

Para desenvolver este trabalho, utilizou-se o método descritivo, isto é, observação e investigação, sem intervenções, da rotina de trabalho de jornalistas que têm ou já tiveram contato com temas ligados à ciência na Amazônia. O método é explicado como “aquele que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los”, (HEERDT; LEONEL, 2007, p.64). Procurou-se fazer um levantamento da jornada de trabalho dos jornalistas que constroem conteúdos científicos e divulgam a ciência na capital paraense, buscando compreender as fragilidades e obstruções no processo produtivo das matérias de cunho científico. Os levantamentos, segundo Heerd e Leonel (2007, p.81) “podem abranger o universo dos indivíduos que compõem a população, no caso, um censo, ou apenas uma amostra, um subconjunto da população”.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a aplicação de questionários aos principais construtores e divulgadores da Ciência na mídia em Belém, principalmente

repórteres, editores, produtores, assessores de comunicação. Foram feitas 51 entrevistas com profissionais que atuam em jornais, agências e assessorias especializadas na capital paraense. O questionário foi elaborado na plataforma Google, com a ferramenta Google Forms, específica para criação de formulários diversos, sobretudo acadêmicos. Foram feitas 10 perguntas sobre o dia a dia desses profissionais para compreender como eles percebiam os problemas ligados à divulgação da ciência na região amazônica. As questões foram estruturadas de forma aberta e fechada, com perguntas de múltipla escolha, lista de checagem e dissertativas. Ao final, foi feita a análise dos dados coletados acerca dos desafios com os quais jornalistas de variados meios se deparam durante o processo de produção do conhecimento científico, que resultou na descoberta de dificuldades que não eram previstas, além de confirmar outros problemas já mencionados inicialmente. Participaram desta pesquisa profissionais que atuam ou já atuaram em redações jornalísticas do Estado, como jornal O Liberal, Portal oliberal.com, TV Cultura, portal Roma News, jornal Diário do Pará, RBA TV, TV Liberal, TV Record Belém, revista Amazônia Viva, rádio Cultura, dentre outros veículos.

Além disso, realizou-se, ainda, observação em campo sobre a rotina dos jornalistas que atuam em dois jornais impressos de maior expressão na capital paraense, os jornais Diário do Pará e O Liberal, no qual esta autora atua como repórter há três anos.

Como base teórica para análise das informações coletadas, foi ampliado o referencial teórico composto por autores que versam sobre Comunicação Científica, Divulgação e Disseminação Científica e Jornalismo Científico.

3. Referencial Teórico

Conceituar Jornalismo Científico ainda é tarefa complexa diante das variadas tentativas de se compreender o processo de produção e divulgação do conteúdo científico na mídia. De acordo com Bueno (1985, p. 1420) “a expressão tem sido utilizada no Brasil de maneira genérica para definir a veiculação de informações científicas e tecnológicas pelos meios de comunicação de massa”. Segundo Bueno, o

Jornalismo Científico seria um ramo da divulgação científica, que abarca, ainda, a difusão científica e a disseminação científica. Conforme o autor:

O Jornalismo Científico se constitui em um caso particular da divulgação científica. Ele não se resume à veiculação de informações científica e tecnológicas pelos meios impressos e atende a pela menos seis funções básicas. Deve estar a serviço dos interesses da coletividade e prestigiar os fatos e informações que não agridam a cultura nacional. (BUENO, 1985, p.1420)

Ainda de acordo com Bueno, a conceituação do Jornalismo Científico deve, necessariamente, englobar os mesmos princípios norteadores do Jornalismo:

O conceito de jornalismo científico deve, obrigatoriamente, incluir o de jornalismo, apropriando-se das características: atualidade, universalidade, periodicidade, difusão. Na prática, isso significa dizer que ele se define: pela atualidade (eventos, descobertas) ou pessoas (cientistas, tecnólogos, pesquisadores) que estejam direta ou indiretamente relacionados com o momento presente; pela universalidade, abrigando diferentes ramos do conhecimento científico, pela periodicidade, mantendo o ritmo das publicações ou matérias; e pela difusão, o que pressupõe a sua circulação pela coletividade. (BUENO, 1985, p. 1423)

Bueno lembra, ainda, o papel fundamental do jornalismo científico face aos mais variados contextos políticos, econômicos, culturais, tecnológicos etc., suas funções e deveres sociais. Para Bueno, “em linhas gerais, admite-se que o Jornalismo Científico cumpre seis funções básicas: 1. Informativa; 2. Educativa; 3. Social; 4. Cultural; 5. Econômica; 6. Político-ideológica" (1985, p. 1424).

Ainda sobre a função social do Jornalismo Científico, o autor ressalta que seria como uma ponte entre a Ciência e a sociedade e, mais que isso, a garantia da humanização da Ciência. Segundo explica:

A função social do jornalismo científico manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo. Ela prevê o debate dos temas de ciência e de tecnologia à luz das aspirações da sociedade e faz coincidir os interesses com os objetivos da divulgação científica. Está associada ao processo de humanização da ciência e responde pela intermediação entre a ciência (o cientista) e a sociedade (BUENO, 1985 p.1425).

Finalmente, Bueno (1985) destaca que, diante de um contexto social conflituoso, com distanciamento entre Ciência e sociedade, resgatar a função do Jornalismo Científico é tarefa urgente. Assim, para o autor:

No momento atual, quando a ciência parece distancia-se da sociedade, desenvolvendo-se, em muitos casos, em oposição a ela, é imperioso retomar a função social do Jornalismo Científico. O jornalista que trabalha com a informação científica e tecnológica deve ter em mira a responsabilidade social e o dever de posicionar-se criticamente diante da concepção materialista da ciência. Deve denunciar o desenvolvimento de uma "pesquisa interessada apenas em satisfazer as necessidades humanas (e nem sempre mais elevadas!) até transforma-se num instrumento de ambições nacionalistas e militares de domínio sobre as consciências individuais (BUENO, 1985, p. 1425).

Percebe-se, portanto, neste sentido, que os jornalistas que lidam com a informação científica são agentes indispensáveis para a criação e estabelecimento de uma cultura sobre ciência, que estimule a curiosidade e o entusiasmo das pessoas para o tema, especialmente em um país em desenvolvimento e, sobretudo em uma região que desperta imensa atenção do mundo inteiro, como a Amazônia.

Para além da tradução

Ajustadas as possíveis definições e dificuldades para conceituar o Jornalismo Científico e destacada a importância dos profissionais da comunicação no ramo, a etapa seguinte refere-se à prática das atividades científicas que integram as pautas e notícias a serem veiculadas na mídia local.

Segundo Bertoli (2006, p. 1) as empresas de comunicação começaram a procurar profissionais que demonstrem capacidade de compreensão dos assuntos abordados pelo meio científico e habilidade para repassar esses conteúdos de forma interessante e atrativa para o público. No entanto, os profissionais qualificados no ramo do jornalismo científico ainda são raros, sobretudo porque são poucas as instituições de ensino que ofertam formação adequada e cursos de especialização para preparar os comunicadores para atuar nesse segmento. Frequentemente descritos como “tradutores” do conhecimento científico, os jornalistas que trabalham com divulgação e Jornalismo

Científico, precisam agora, de acordo com alguns autores, aprimorar o exercício de suas funções e superar a mera “tradução” dos trabalhos e das palavras dos cientistas, para oferecer à sociedade outras perspectivas de discernimento e informação aprofundada sobre Ciência. Segundo Caldas (2000, p. 8), “a divulgação da ciência passa, necessariamente, pela perspectiva crítica da produção do conhecimento, papel do qual o jornalista científico não deve abrir mão”.

Para Caldas (2000), a incumbência do jornalista de apenas “traduzir” o conhecimento científico é insuficiente e restritiva. Caldas (2000) explica:

O jornalista científico não deve se limitar à função de mero "tradutor" da fala do cientista e divulgador de sua produção, por mais relevante que seja. A função estratégica de C&T, o impacto da produção científica e tecnológica sobre o meio ambiente e o bem-estar da sociedade em geral exigem uma mudança substancial na relação entre o jornalista, o cientista e a sociedade. É preciso acabar com a dependência do jornalista ao discurso científico por falta de capacitação e visão crítica sobre o processo de produção do conhecimento (CALDAS, 2000, p. 8).

A necessidade de uma nova visão sobre o fazer jornalístico relacionado à Ciência é corroborada por Oliveira (2002, p. 28) que diz que “o novo profissional que incentivamos deve romper com a cultura de ‘papagaios de cientistas’, que só aos poucos começa a se diluir nos jornais e meios eletrônicos brasileiros”.

Oliveira (2002) reforça, também, a relevância do que chama de “Jornalismo Científico de qualidade, que precisa, obrigatoriamente, mostrar os efeitos e reflexos práticos da Ciência no cotidiano das pessoas, de maneira crítica.

O jornalismo científico de qualidade deve demonstrar que fazer C&T é, acima de tudo, atividade estritamente humana, com implicações diretas nas atividades socioeconômicas e políticas de um país. Portanto, do mais alto interesse para o jornalismo e para a sociedade” (OLIVEIRA, 2002, p. 28).

Assim, Oliveira (2002) comenta que o Jornalismo Científico aproxima o cidadão comum das informações que tem o direito de saber, que afetarão diretamente seu dia a dia. Para Oliveira, o grau de desenvolvimento científico e tecnológico dos países pode estar diretamente associado à melhoria de sua qualidade de vida, como explica mais detalhadamente a seguir:

A divulgação científica aproxima o cidadão comum dos benefícios que ele tem o direito de reivindicar para a melhoria do bem-estar social. Ela pode

contribuir também para visão mais clara da realidade ao contrapor-se aos aspectos característicos de uma cultura pouco desenvolvida, ainda contaminada por superstições e crenças que impedem as pessoas de localizar com clareza as verdadeiras causas e efeitos dos problemas que enfrentam na vida cotidiana" (OLIVEIRA, 2002, p. 14)

Ferreira e Porto (200) enfatizam a relevância da divulgação científica para auxiliar as pessoas a entenderem os reflexos e efeitos práticos da ciência no dia a dia:

A divulgação científica liga o cidadão aos benefícios que ele tem o direito, além de formá-lo com uma consciência questionadora que lhe servirá para reivindicar melhorias para o seu bem estar social. A divulgação ainda pode contribuir para a obtenção de uma visão mais clara da realidade, contrapondo-se a aspectos característicos de uma cultura pouco desenvolvida, ainda contagiada por superstições e crenças, que impedem as pessoas de encontrar com clareza as verdadeiras causas e efeitos dos problemas que enfrentam na sucessão de seus dias. (FERREIRA E PORTO, 2009, p. 175)

Para Oliveira (2002), entretanto, apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, no que tange à divulgação científica no Brasil, os temas relacionados à ciência ainda estão muito afastados da sociedade, não no sentido material, mas no modo como as pessoas enxergariam o meio científico, de forma apartada de suas realidades.

Os avanços já conseguidos pela ciência no Brasil ainda não são suficientemente conhecidos, a não ser em círculos restritos. Apesar do enorme interesse manifestado por C&T, os dados referentes à percepção da influência da ciência indicam que os resultados do avanço científico e tecnológico estão distantes da vida diária das pessoas. (OLIVEIRA, 2002, p.15).

Aprofundamento e familiaridade com o meio científico

De acordo com a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (Abcj), dos 500 nomes registrados, apenas 30 são membros ativos da entidade, conforme apontaram (AMORIM, MASSARANI; BAUER; 2013, p. 117). Este é um dado preocupante se comparado ao número de jornalistas registrados na Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), principal órgão da classe no país. No total, há mais de 25 mil jornalistas neste banco; Isto é, a quantidade de jornalistas especializados no ramo científico, levando em

consideração o número total de jornalistas em atuação no país, é praticamente inexpressiva.

A necessidade de aprofundamento, domínio, entendimento, formação acadêmica ou experiência na editoria de Ciência são outras questões levadas em consideração por diversos autores durante as discussões acerca da produção do Jornalismo Científico. Oliveira (2002) fala que o conhecimento científico fornece ao jornalista uma visão mais ampla e consistente das notícias relacionadas à Ciência. “A informação científica permite ao jornalista visão mais sistêmica e contextualizada dos fatos noticiosos, ao contrário da visão fragmentada e descontinuada que muitas vezes predomina no noticiário” (OLIVEIRA, 2002, p.48).

Inclusive, conforme aponta Oliveira (2002), o Jornalismo Científico aborda uma variedade enorme de temas, que muitas vezes são ignorados.

Ao contrário do que muitos pensam, o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos específicos de C&T, mas o conhecimento científico pode ser usado para melhor compreender qualquer aspecto, fato, acontecimento de interesse jornalístico. Assim, a informação científica pode estar presente em qualquer editoria: geral, de política, de economia e até de polícia e de esportes. A Ciência ajuda a entender os fenômenos sociais e a interpretar as causas e consequências dos fatos de interesse jornalístico. (OLIVEIRA, 2002, p. 47).

Para Oliveira (2002, p. 44), o jornalista que trabalha com divulgação científica precisa, fundamentalmente, de boas técnicas de escrita, intimidade com as temáticas abordadas, noções sobre a história da Ciência no Brasil e estar constantemente atualizado acerca dos avanços da Ciência e cultivar fontes confiáveis dentro da comunidade científica.

Já Ferreira e Porto (2009), observa que a especialização do jornalista que lida com o meio científico é desejável, mas não essencial. Ao invés disto, os autores destacam a importância da aplicação dos conceitos fundamentais do jornalismo:

Especializado ou não, o jornalista não pode abandonar um dos conceitos básicos ensinados nas escolas de comunicação como bom jornalismo; o de informar, promovendo o contraditório e a isenção, bem como é feito nas demais editorias em jornais, revistas, rádios ou TVs como, as de esportes, polícia, política, cidades, entre outras. (FERREIRA; PORTO, 2002, p. 169)

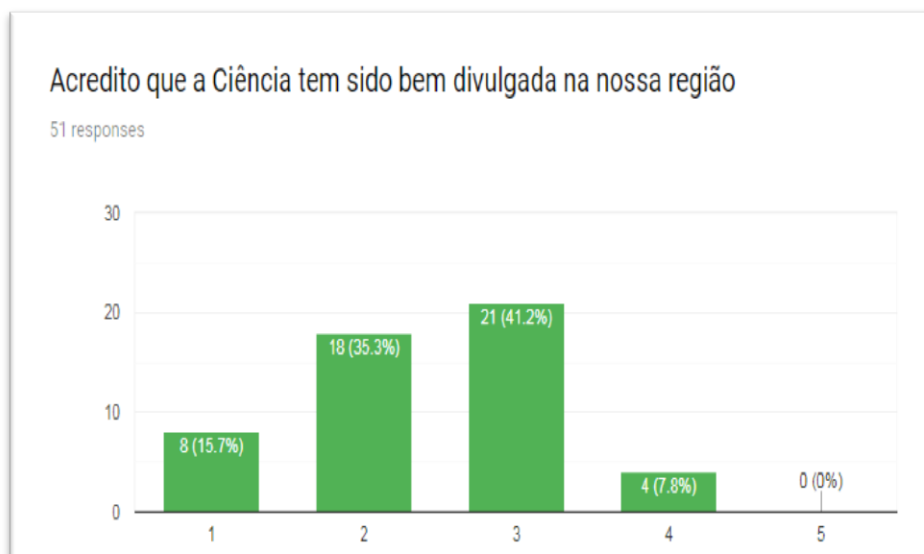
4. No dia a dia da Divulgação Científica - Análise de dados

Foram propostas dez questões (múltipla escolha, abertas e fechadas, em escala e discursivas) para analisar o entendimento dos jornalistas que atuam na Amazônia em relação ao universo da ciência e à produção do jornalismo científico na região.

A primeira questão apresentada aos jornalistas que se propuseram a responder ao formulário sobre Divulgação Científica teve por finalidade verificar se os profissionais de comunicação, que estão em contato permanente com as notícias do dia a dia, percebem a ciência como assunto pouco ou bastante explorado na mídia local. Em uma escala de 1 a 5, considerando um o grau máximo de discordância e 5 o grau máximo de concordância com a afirmação, os jornalistas responderam ao enunciado apresentado no gráfico 1.

Gráfico 1

Fonte: questionário elaborado pela autora



Com isso, percebemos que a maioria dos jornalistas (92,2%), considerando a somatória dos três índices mais expressivos, acredita que a ciência tem sido divulgada de forma insuficiente ou inadequada, aquém do necessário. O dado revela que os profissionais percebem a carência da temática na Amazônia de forma quase unânime e

aponta para a urgência de ampliação dos debates relacionados à ciência nos meios de comunicação.

Gráfico 2

Fonte: questionário elaborado pela autora



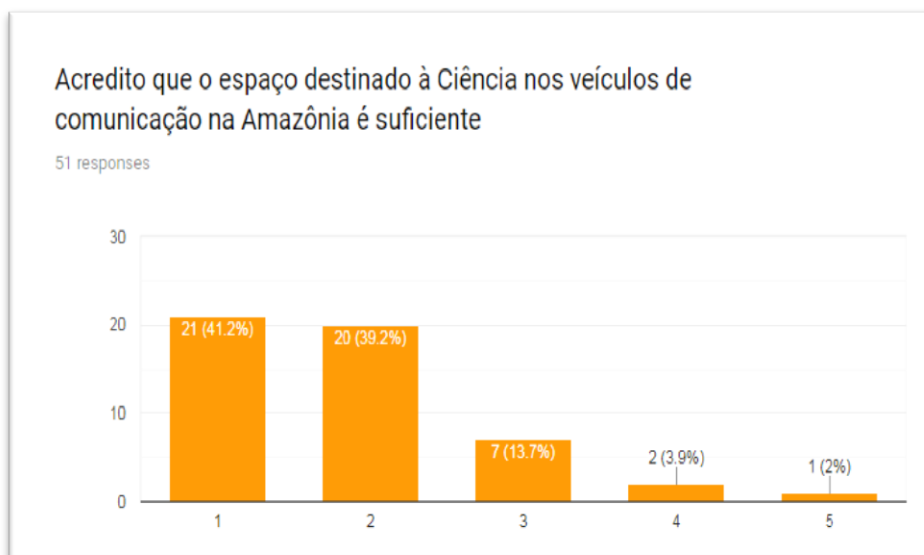
A segunda afirmação apresentada aos entrevistados revelou um dado que surpreende. Questionados sobre a existência de um local, editoria, setor específico destinado à divulgação científica, quase metade dos jornalistas 47,1% responde positivamente, afirmando que há um espaço no seu local de trabalho para a divulgação da comunidade científica – o que possivelmente aponta para uma maior abertura dos veículos e canais, no que tange à temática científica. O número mais expressivo 52,9%, entretanto, aponta para a ausência de espaço ou editoria que trate de ciência na imprensa local.

Os números são conflitantes se comparados às publicações e divulgações dos temas de C&T nos jornais de diversos meios na região. Nos dois maiores jornais impressos do Pará, O Liberal e Diário do Pará, não há, por exemplo, colunas, editorias ou qualquer forma setorialização destinada ao universo científico. As matérias e notícias veiculadas nos canais audiovisuais e portais locais tampouco refletem a avaliação dos entrevistados. Com isso, pode-se depreender que os comunicadores, apesar de perceberem a ausência da temática científica nos jornais locais não notam a inexistência

de espaços apropriados, como colunas específicas, editorias, publicações especializadas, reportagem setorializada na mídia paraense.

Gráfico 3

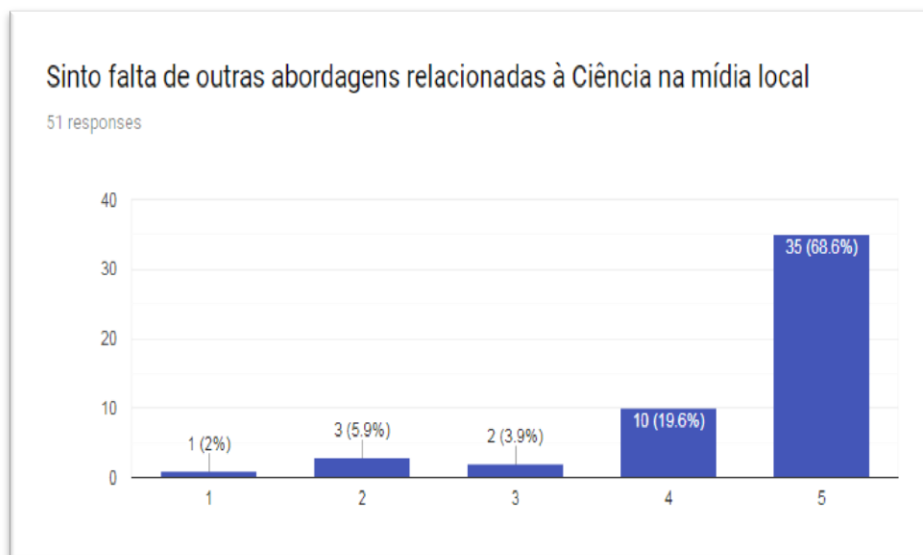
Fonte: questionário elaborado pela autora



A terceira afirmação proposta aos jornalistas entrevistados relaciona-se à regularidade com que os temas ligados à ciência aparecem na mídia local. Quase a totalidade dos entrevistados entende que o espaço dedicado à ciência ainda é muito pequeno e não atende de maneira adequada à necessidade do público sobre esses temas.

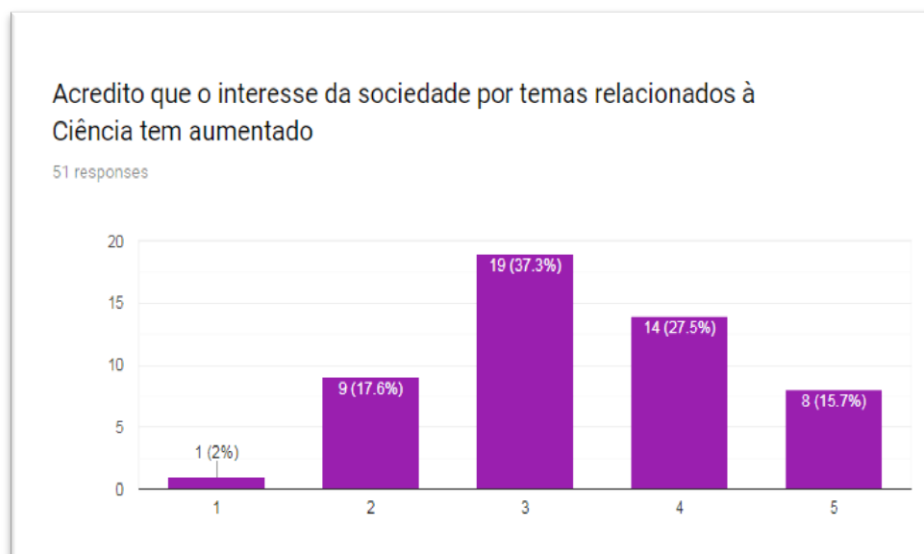
A avaliação mostra que, além de considerar que a divulgação científica tem sido feita de maneira insatisfatória, os jornalistas entendem que o espaço destinado à veiculação dos temas ligados à ciência ainda está longe do que seria apropriado. Mesmo entre aqueles que disseram, na questão anterior, que trabalham em um local que demonstra interesse à divulgação científica, a área científica contemplada pelos jornais paraenses ainda é pequena.

Gráfico 4
Fonte: questionário elaborado pela autora



Do total, 68,6% dos jornalistas que participaram da pesquisa afirmaram que sentem falta de outras abordagens relacionadas à ciência na imprensa regional.

Gráfico 5
Fonte: questionário elaborado pela autora

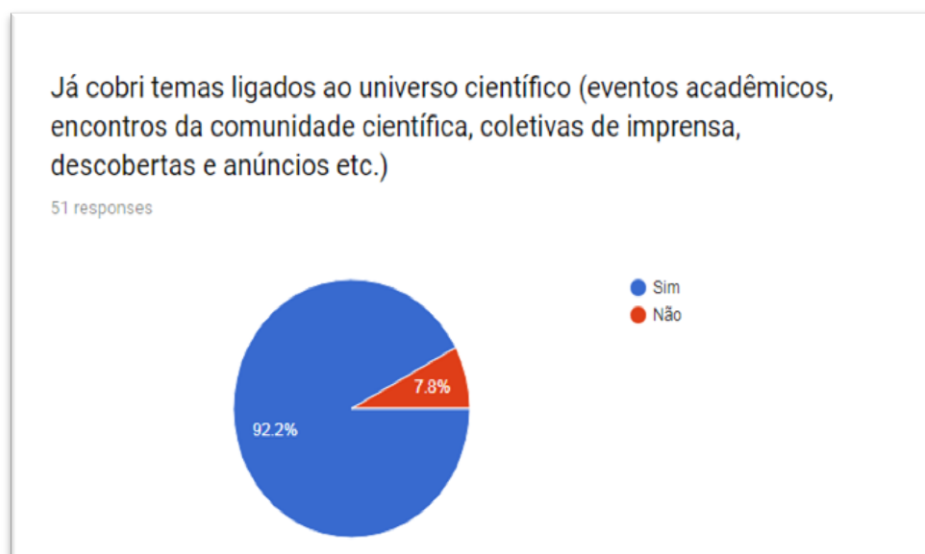


Em relação ao interesse crescente dos leitores, telespectadores, ouvintes, sociedade, em geral, pela ciência, os entrevistados mostraram-se divididos. Ao todo, 37,3% dos jornalistas acreditam que o interesse das pessoas por conteúdos concernentes à ciência tem crescido timidamente, de modo parcial. Outros 27,5% afirmaram que sim, a procura da sociedade por assuntos que envolvem ciência tem aumentado de maneira constante e 15,7% dos jornalistas não têm dúvidas de que as pessoas estão se interessando cada vez mais por ciência. Por outro lado, 17,6% entende que a busca pelo assunto ainda é fraca e 2% está convencida de que as pessoas não se interessam por ciência.

A maior parte dos entrevistados afirmou acreditar que o interesse do público por temas ligados ao universo científico tem aumentado nos últimos anos. Este dado é importante no sentido de questionar o mito muito difundido de que a sociedade, de modo geral, não manifesta interesse pela ciência e por isso os jornais não apostariam na divulgação científica. Aqui, os jornalistas entrevistados possivelmente relevam que o desejo do público por conteúdo científico não é um problema, já que nas respostas dadas durante a pesquisa, os entrevistados disseram que o interesse por ciência é uma demanda crescente da sociedade e um direito.

Gráfico 6

Fonte: questionário elaborado pela autora

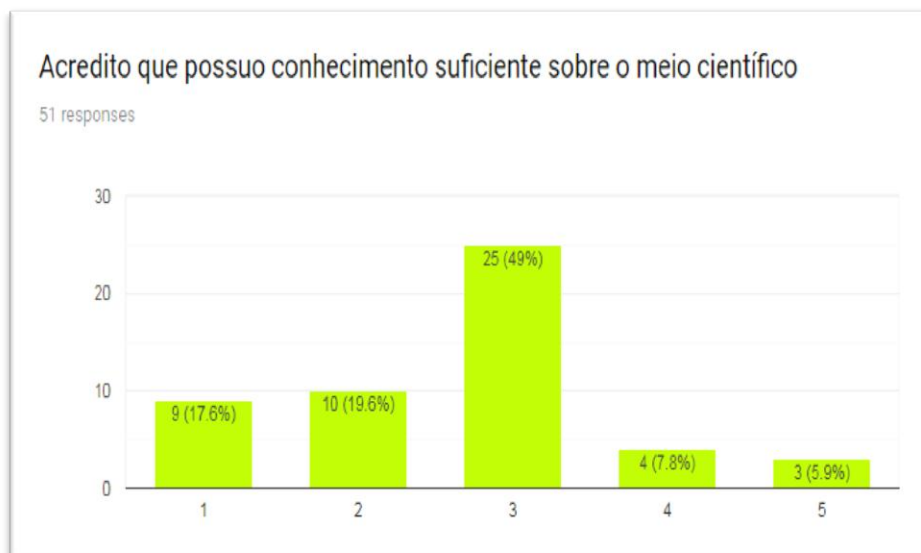


Dos jornalistas que atuam diariamente em redações, agência e assessorias especializadas, 92,2% afirmou que já produziu, eventualmente ou frequentemente, conteúdo científico, seja por meio de coberturas de eventos acadêmicos e/ou científicos, coletivas de imprensa de entidades pertencentes à comunidade científica, descobertas, anúncios, etc. Outros 7,8% dos jornalistas que elaboram diariamente conteúdo midiático destacaram que nunca tiveram contato com a temática.

Um dos dados mais significativos da pesquisa mostrou que, mesmo com ausência de formação específica e adequada, acadêmica e profissional, na região para abordar com propriedade os temas relacionados à ciência, quase todos os jornalistas entrevistados já participaram, em alguma ocasião, de uma cobertura científica. Assim, os números relevam a importância da formação do comunicador para lidar com temas científicos, já que praticamente todos, inevitavelmente, ao passar por redações, trabalharão a temática com frequência ou de forma eventual.

Gráfico 7

Fonte: questionário elaborado pela autora



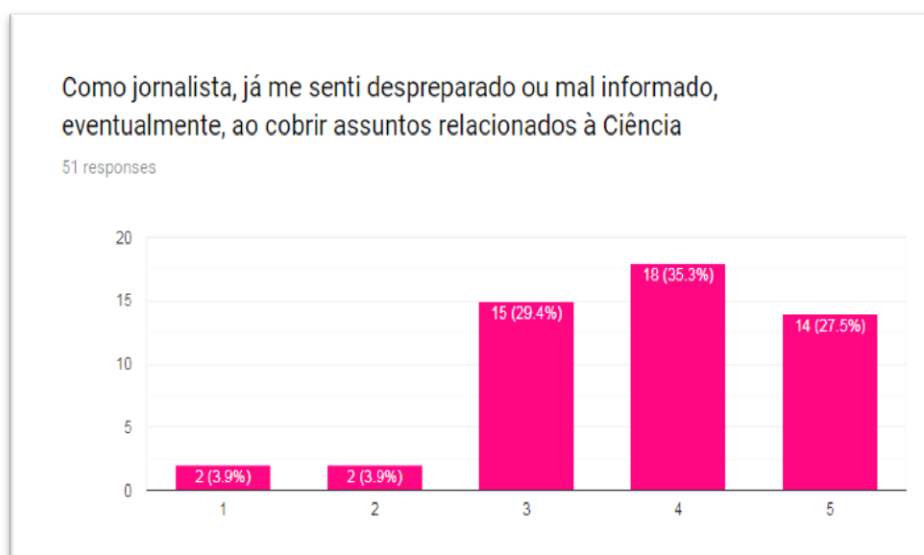
Sobre seus próprios conhecimentos na área, mais da metade dos entrevistados considera que possui compreensão mediana, quando perguntados se têm “conhecimento suficiente” sobre o meio científico.

Considera-se, entretanto que a opinião dos jornalistas sobre seus próprios conhecimentos não reflete as publicações de cunho científico nos jornais locais e no

cotidiano das redações. Em geral, nossa vivência na redação demonstra que os jornalistas são enviados às pautas científicas apenas com o mínimo de informações para elaborar suas reportagens e, posteriormente, precisam lidar com temáticas diferentes. Essa dinâmica de produção jornalística efêmera, sem aprofundamento, contextualização e principalmente formação não permite que os jornalistas se apropriem do meio científico e construam conteúdos mais embasados. Os resultados, via de regra, são produções superficiais e sem criticidade.

Gráfico 8

Fonte: questionário elaborado pela autora



Questionados se, ocasionalmente ou de modo constante, sentiram-se despreparados ou mal informados ao lidar com uma produção de cunho científico, (35,3%) afirmou que sim, de modo determinante.

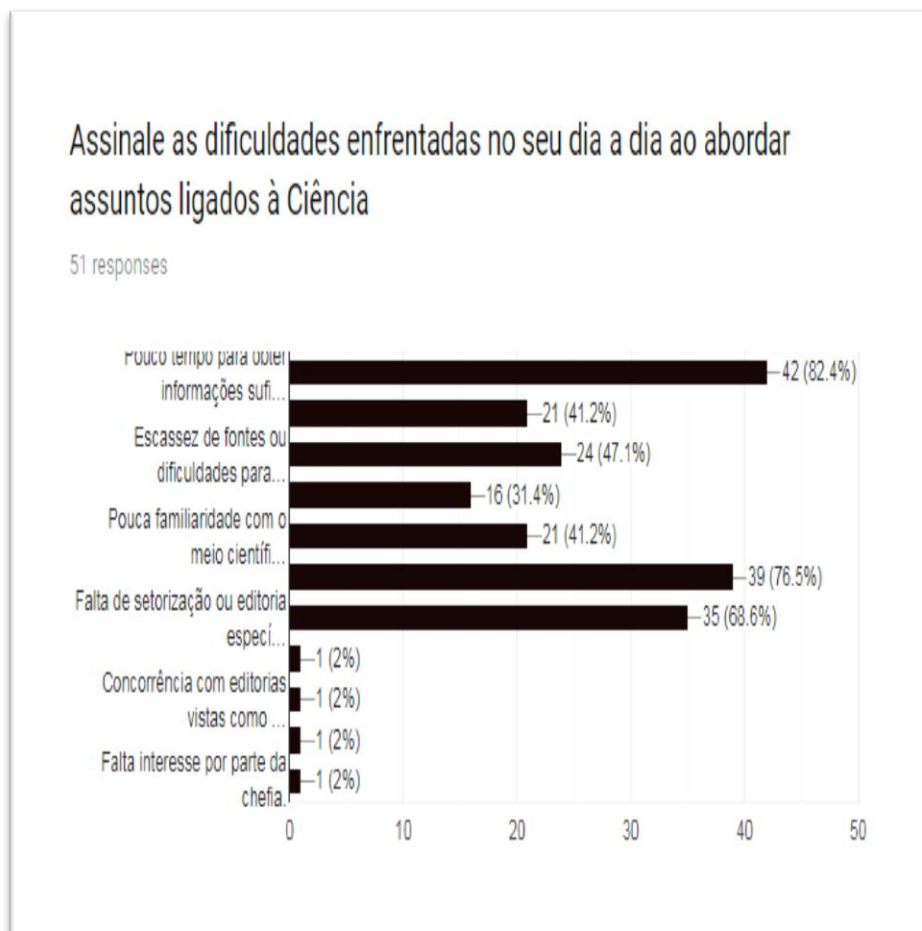
Esse resultado é fundamental para nossa percepção sobre a carência de formação sentida pelos jornalistas ao tratar de temas relacionados à ciência no dia a dia das redações. Apesar de, em questão anterior, a maioria ter afirmado que possui conhecimentos consideráveis sobre ciência, é na prática que essa certeza dos profissionais de comunicação se contradiz. Quase todos destacaram que vivenciam ou vivenciam situações profissionais pouco confortáveis ao tratar do tema. Assim, a quase totalidade admite ter se sentido despreparado ou mal informado durante coberturas

científicas, confirmando novamente a escassez e a deficiência da formação, tanto acadêmica quanto profissional.

Gráfico 9

Fonte: questionário elaborado pela autora

As principais dificuldades apontadas pelos jornalistas diante da cobertura científica foram:



Neste espaço, os jornalistas afirmaram que a dinâmica acelerada das redações não permite que obtenham informações suficientes para abordar os temas científicos com propriedade e aprofundamento. Os comunicadores também disseram que a falta de familiaridade e setorização são obstáculos significativos ao lidar com o tema. Isso demonstra que a setorização dos comunicadores poderia ser discutida como uma possível melhoria para as coberturas, já que, mais habituados e familiarizados com a

temática, os jornalistas saberiam como encontrar as informações necessárias para desenvolver assuntos de ciência com mais destreza.

Qualitativamente, outras respostas foram dadas aos obstáculos que se apresentam aos jornalistas que produzem conteúdo científico ou acompanham o meio. Nesta parte da pesquisa, foi deixado um espaço, em forma de pergunta aberta, para que os profissionais da comunicação apontassem outros obstáculos que eles vivenciam no exercício da profissional, em relação ao jornalismo científico. Também surgiram sugestões aos problemas mencionados. Nesse ponto, as principais queixas dos jornalistas a respeito dos entraves experimentados no dia a dia da profissão ao cobrir assuntos científicos relacionam-se a: falta de investimento em diversos segmentos (empresas, mercados, universidades, jornais); falta de espaço e veículos; falta de valorização da temática na região; ausência de formação acadêmica; ausência de interesse dos profissionais da comunicação; problemas para lidar com a comunidade científica, inexistência de campo em Belém, dentre outros.

Tabela 1

Fonte: questionário elaborado pela autora

Destacam-se alguns trechos das entrevistas:

Outros entraves	
“A falta de investimentos e a falta de valorização dos pesquisadores”.	“Falta de investimento das empresas de comunicação no segmento”.
“Faltam veículos e publicações específicas para a cobertura deste assunto na região. Também há falta de departamentos estruturados em instituições científicas para uma comunicação mais direta com o público”	“Um ponto que percebo é que várias matérias são feitas como ‘pioneiras’ e ganham um espaço enorme na mídia, mas na verdade ou são pequenos plágios ou o pioneirismo foi nosso, mas infelizmente a divulgação não conseguiu sair do estado. É mais fácil fazer divulgação científica sobre a Amazônia para fora do país do que no Brasil”.
“A implantação de matérias relacionadas à comunicação científica dentro das universidades de comunicação, como uma disciplina obrigatória”.	“Interesse dos próprios agentes produtores de ciência em divulgar seus trabalhos e falta de canal de escoamento das informações”.

<p>“A mídia faz juízo de valor de informações que vem do norte e nordeste do Brasil. Como se algumas pesquisas só fossem ‘aceitas’ se validadas por uma instituição do sudeste, e como se os profissionais formados aqui não tivessem a mesma ‘qualidade’ dos que são formados no sul/sudeste. Tanto cientistas como jornalistas da Amazônia tem que ficar provando o tempo todo que são bons, e comprovando isso através da qualidade de seu trabalho”.</p>	<p>“Poucos espaços e oportunidades para divulgação de temas científicos na imprensa local e falta de profissionais familiarizados com a área que possam, por exemplo, produzir pautas específicas ou demonstrar a relação da ciência com outros temas. Com isso, geralmente se produz pouco ou limita-se aos releases enviados pelas instituições. Assim, geralmente são publicados os mesmos temas com as mesmas abordagens e mesmos entrevistados, sem criticidade Ou seja, uma cobertura em geral pouca ‘criativa’”.</p>
<p>“Sem dúvida a falta de interesse dos meios de comunicação é o principal obstáculo. São raras as vezes que a ciência ganha espaço na imprensa por falta de tato e de explicar a importância de determinada pesquisa para a sociedade”.</p>	<p>“Acredito que o principal problema seja um meio de comunicação de massa que possa traduzir a linguagem acadêmica de forma mais interessante”.</p>
<p>“Democratização dos meios de comunicação, acesso à informação, falta de financiamento, formação profissional”.</p>	<p>“Investimento das redações, investimento dos órgãos de fomento à pesquisa, esforço das universidades. Com os investimentos, quem sabe essa roda giraria mais fácil”.</p>
<p>“Falta de exploração de temas científicos em meios multimídia mais atraentes”.</p>	<p>“Os pesquisadores resistem em repassar informações e se fecham em seus pares”.</p>
<p>“Falta de investimento público”.</p>	<p>“Capacitação dos profissionais”.</p>
<p>“Entender que o conhecimento científico é para o coletivo. Para a sociedade. Assim, ultrapassar as barreiras da universidade. Com uma linguagem mais acessível e com um olhar apurado, crítico e sensível do pesquisador. A maioria dos pesquisadores está mais preocupada com os títulos do que com a importância da ciência para a sociedade”.</p>	<p>“Outra dificuldade se dá no oferecimento das pautas pelas assessorias para o veículo de comunicação. Além disso, o tratamento de algumas pautas com exclusividade, pois, embora a divulgação científica seja de interesse de toda a sociedade, gostamos de trabalhar assuntos que não está em toda a imprensa”.</p>
<p>“A necessidade de formação de público consumidor sobre a temática”.</p>	<p>“As divergências linguísticas entre a comunidade científica e a esmagadora maioria da população”.</p>
<p>“Creio que a procura por assuntos relacionados à polícia e política ainda é grande, fazendo com que os veículos invistam mais tempo em matérias sobre esse assunto”.</p>	<p>“Atualmente tem muita informação concorrendo com as redes sociais. Haja criatividade para conseguir destacar uma pauta científica sem cair no sensacionalismo”.</p>
<p>“É essencial a assessoria de imprensa para fazer o encontro da pauta científica com a imprensa. E os veículos poderiam ampliar o espaço para esse tema”.</p>	<p>“Maior aproximação por parte das instituições com os meios de comunicação. Há certo distanciamento entre academia e sociedade. É preciso aproximar mais, e conseguir falar com linguagem acessível”.</p>
<p>“A falta de interesse por parte do setor político da sociedade”.</p>	<p>“Falta de campo em Belém”.</p>

<p>“A falta de preparo dos pesquisadores em lidar com a imprensa e a falta de interesse dos jornalistas pelos temas ligados à Ciência”.</p>	<p>“Necessidade de maior aproximação das redações como o meio científico e conscientização do jornalista sobre a importância da pesquisa científica”.</p>
<p>“Falta de incentivo do Governo. Temos profissionais incríveis na área e instituições de renome internacional, mas falta amparo”.</p>	<p>“Dificuldade de acessibilidade dos pesquisadores que muitas vezes se negam a dar entrevistas ou reclamam que o jornalismo reduz suas pesquisas sem entender as diferentes naturezas do jornalismo e da ciência”.</p>
<p>“É preciso melhorar o diálogo e a comunicação direta entre assessoria, pesquisadores e veículos de comunicação. Pesquisadores desconfiam da falta de entendimento e compromisso de jornalistas frente à ciência. Jornalistas acham que há poucas pesquisas com impactos práticos no dia a dia. E mais, o tempo da ciência não é o tempo do jornalismo, que parece querer sempre resultados para ontem”.</p>	<p>“Nos veículos impressos e online, até vemos assuntos científicos em pauta, mas reproduzidos das assessorias de universidades e empresas que trabalham com desenvolvimento científico. Na TV, o espaço é mais limitado ainda. Falta interesse pelo assunto, tanto pela linha editorial das emissoras quanto pelo apelo da audiência. Além disso, quando determinado assunto é pautado, a abordagem geralmente é superficial, com pouca aplicação prática na vida das pessoas”.</p>
<p>“A falta de um treinamento mais adequado, a partir de cursos e especializações voltadas especificamente para a prática do jornalismo científico, apresenta-se como um dos mais graves empecilhos diante da tarefa de comunicar a ciência em uma região como a Amazônia”.</p>	<p>“A falta de disponibilidade e interesse de alguns dos produtores de conhecimento em evidenciar suas novas descobertas; o interesse da própria mídia local em publicá-las (e mesmo de disporem de uma editoria específica ou investirem em projetos especiais sobre temas científicos) e, por vezes, até mesmo o interesse do público em consumi-las, dada a multiplicidade de ofertas de conteúdos”.</p>

5. Considerações finais

Com base nas leituras realizadas ao longo deste trabalho e análise das dificuldades apresentadas pelos jornalistas que atuam em Belém em relação à inserção da produção científica no noticiário produzido nas redações, algumas contribuições foram desenvolvidas. A finalidade principal da pesquisa foi investigar e compreender as dificuldades por quais passam os comunicadores e a própria divulgação científica que vem sendo produzida na Amazônia com a proposta de, a partir disto, estabelecer possíveis encaminhamentos e resoluções desses obstáculos.

Um ponto importante, que já se desenhava nas hipóteses testadas durante a pesquisa, e que se provou pertinente diz respeito à percepção que os jornalistas têm sobre a evolução da divulgação e da disseminação científica por meio do jornalismo. Sobre essa questão, ficou evidente a urgência de se procurar outras formas de difundir a ciência nos meios de comunicação de Belém, já que, segundo a pesquisa, a abordagem que se tem sido realizada acerca dos temas da comunidade científica estão aquém do ideal. Com a produção científica insuficiente na região, o principal prejudicado é o público, que tem a sua disposição muito menos conteúdo científico do que precisa e tem direito para formar opiniões e compreender os reflexos da ciência no seu cotidiano. Esse é um problema grave, sobretudo na Amazônia, cujo cenário atrai interesses científicos diversos e atenção do mundo inteiro, pela sua biodiversidade, floresta contínua, debates sobre meio ambiente, atuação de indústrias, agronegócio e grandes projetos que afetam diretamente a vida das populações locais.

Outro aspecto que mereceu atenção durante a realização do trabalho refere-se ao entendimento que os jornalistas locais têm em relação ao interesse do público pelo saber científico. As respostas obtidas derrubam o mito de que os jornalistas não produzem conteúdo científico porque as pessoas não teriam entusiasmo em consumi-lo. Este ponto de vista não foi corroborado pelos entrevistados, mostrando que se a produção de conteúdo científico ainda é tacaña nos jornais do Estado, a responsabilidade não é do público, mas da própria direção e chefias dos jornais, que não se mostram interessados em abrir espaço para a disseminação de informação sobre ciência. É importante modificar essa mentalidade e modo de operar dos jornais locais, no sentido de superar deficiências e expandir a divulgação científica como um meio de alcançar as pessoas. Além disso, o jornalismo científico precisa ser percebido como forma de garantir direitos básicos, que estão associados à compreensão da ciência, que conseqüentemente significa progresso da humanidade.

Dentre as considerações traçadas no decorrer dessa análise, constatou-se que, apesar do pouco domínio dos temas científicos em sua formação acadêmica e profissional, a maioria dos jornalistas teve ou tem contato com a divulgação científica, ratificando a urgência de formação em nível de graduação e pós-graduação para atender a demanda de jornalistas que deixam a universidade com pouco ou nenhum preparo para lidar com o meio.

Neste sentido, cursos de especialização como o que foi ofertada pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) em 2017, por meio do curso de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (FIPAM), durante a edição XXVIII - Comunicação Científica na Amazônia são fundamentais. Espera-se, ainda, que o pioneirismo do NAEA sirva como incentivo para o surgimento de novas propostas de formação e aprimoramento direcionadas à divulgação científica nos cursos de Comunicação Social no Estado.

Com este trabalho, reafirma-se a atribuição e a responsabilidade diante da consolidação de uma cultura científica voltada para a região Amazônica, especialmente em um contexto regional cujo sistema de educação formal, mesmo nos centros de ensino superior, ainda apresenta muitas fragilidades e lacunas. Os jornalistas despontam, assim, como principais fontes de informação para a sociedade, que em geral tem pouco acesso à comunidade científica, muitas vezes restrita ao seu universo acadêmico.

Observa-se, portanto, que os jornalistas que lidam com a informação científica são agentes indispensáveis para a criação de uma cultura de aproximação do público com a ciência, que estimule a curiosidade e o entusiasmo das pessoas, bem como um olhar crítico em torno das prioridades em investimentos públicos voltados para a área. No caso da Amazônia, é ainda mais urgente a participação do público em debates que precisam considerar o arcabouço de conhecimentos científicos produzidos em nível regional, como é o caso de propostas de desenvolvimento que consideram a conservação ambiental e o respeito às populações da região.

6. Referências

Associação Brasileira de Jornalismo Científico (Abj). Disponível em: <<http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=mcc&cod= associacaobrasileira dejornalismocientificoabjc>> Acesso: 20.01.2019

BERTOLI, C.F. **Elementos fundamentais para a prática do Jornalismo Científico**. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior - Covilhã – Portugal. 2006. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>> Acesso: 19.01.2019

BUENO, WC. **Jornalismo Científico: Conceitos e funções**. In: *Ciência e Cultura*. 1985. Disponível em: <<http://biopibid.ccb.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 26.12.2018

CALDAS, G. **O papel do jornalismo científico na formação da opinião pública**. In: *Mídia, Ciência, Tecnologia e Sociedade*. Pesquisa Fapesp: 2010. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2000/12/08_opini%C3%A3o.pdf> Acesso: 27.12.2018

Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Disponível em: <<http://fenaj.org.br/>> Acesso: 19.01.2019

FERREIRA, W; PORTO, CM. **A formação do jornalista de ciência e sua colaboração para a cultura científica no Brasil**. In PORTO, CM., org. *Difusão e cultura científica: alguns recortes*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124.pdf>> Acesso: 26.12.2018

Amorim, L; Bauer, M.W; Massarani, L. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova “onda” no jornalismo científico no Brasil?. C&S – São Bernardo do Campo. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3612/3702>> Acesso: 21.01.2019

FREITAS, EC; PRODANOV, C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale , 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso: 28.12.2018

HEERDT, ML; LEONEL, V. **Metodologia científica e da pesquisa: livro didático**. – 5. ed.rev. e atual. – Palhoça : UnisulVirtual, 2007. Disponível em: <http://www.fatecead.com.br/mpc/aula01_ebook_unisulvirtual.pdf> Acesso: 02.01.2019

LISBOA, RS (Org.). **Guia de elaboração de trabalhos acadêmicos**. Belém: Biblioteca UFPA, 2017. Disponível em: < http://bc.ufpa.br/wp-content/uploads/2018/10/Guia_de_Elaboracao_de_Trabalhos_Academicos.pdf>
Acesso: 02.01.2019

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.